

Afonso Cautela

O anti-cânone

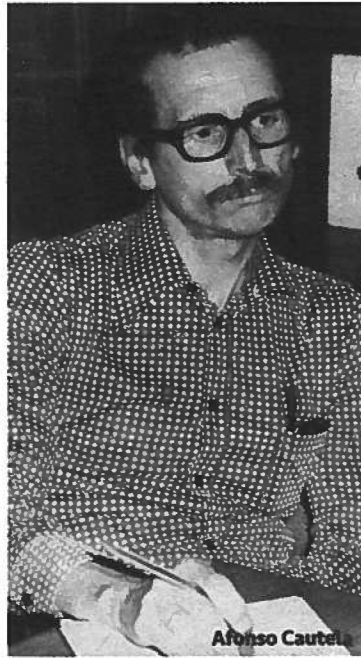
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

¶ Afonso Cautela (AC) nasceu em 1933, que cumpriu há pouco 84 anos sem o relevo que lhe seria devido, por razões que as estrelas não explicam, teve decisiva intervenção cívica no século que passou. Introduziu entre nós na primeira metade da década de 70 as ideias ecologistas, fundando o Movimento Ecológico Português (1974), que tem a primazia nada desprezível de ser a mais antiga organização ecologista portuguesa. Entre nós, dos vivos, não há muitos que tenham dado provas cívicas com tal crédito histórico. Quanto mais a civilização avançar, mais o tempo lhe dará razão! Como quer que seja, AC, que dedicou parte da sua vida ao jornalismo, e muitos dos que têm hoje mais de 50 anos lembram-se com certeza da veemência da sua palavra enérgica de publicista no antigo vespertino A Capital, publicou em livro uma curtíssima obra poética, Espaço mortal (1960) e O nariz (1961).

Originário do Baixo Alentejo, o autor marcou já o seu interesse pelas letras, criando, em meados da década de 50, quase ainda adolescente, um suplemento literário, "Ângulo", integrado no jornal A Planície, de Moura, que veio a ter uma expressão e uma audiência

inesperadas no domínio da crítica, na atenção dos mais novos e até no apoio e no reconhecimento dos mais velhos. Na sua sequência, AC criou Zero - cadernos de convívio, crítica e controvérsia, de que saíram dois números (1958). De excelente linha, os opúsculos, talvez com antecedentes nos dois cadernos Contraponto que Luiz Pacheco publicara em 1950 e 52, revelam uma vocação crítica de grande firmeza e são por certo uma das melhores expressões, se não a mais vincada, das inquietações da juventude portuguesa da década de 50, das mais ricas do século XX português, marcada pela decepção gelada da Guerra Fria, pela hipocrisia feroz da ditadura interna, mas também por formas novas de rebeldia e de sonho. "Geração da gaveta" - assim batizou então Cautela os que atingiram os 20 anos na década de 50 do século XX.

Assinou no primeiro dos Cadernos um incisivo e clarividente estudo, "A falência do neorrealismo", que mereceu simpatia forte de Mário Cesariny, que o escolheu para a coletânea Surrealismo Abjeccionismo (1963); percebe-se nele como o neorrealismo português - como literatura de rebelião e de combate, entenda-se - estava para uma parcela dessa geração esgotada e condenado a não ter saída nem seguimento.



Afonso Cautela

Sem que tivesse feito nada para isso, a não ser consentir, saiu em 2011 um novo livro seu de versos, Campa rasa e outros poemas, com uma sequência de poemas feita já no século XXI e cuja organização e edição se deveu ao poeta e editor José Carlos Costa Marques (JCCM), também ele um histórico do ecologismo em Portugal, editor duma originalíssima revista chamada Urtiga, a única capaz de disputar na década de 70 à Raiz & Utopia a novidade, e hoje editor dos cadernos poéticos DiVersos - poesia e tradução, que têm 20 anos, bonita idade para quem em geral morre depois de nascer, e uma ação de 25 números, que bastam para fazer deles uma das mais representativas publicações na área da poesia e da sua tradução em Portugal.

O mesmo JCCM organizou agora, em idênticas condições, já que o autor

está desinteressado de todo da vida literária, a obra poética de Afonso Cautela, Lama e Alvorada - poesia reunida 1953-2015, cujo 1º volume, com 560 páginas, constituído por "inéditos e dispersos", acaba de surgir (Afrontamento, coleção Obscuro Domínio). Seguir-se-á em breve um 2º volume com a republicação sem variações dos três livros do autor, com exclusão dos "outros poemas" de Campa Rasa, incluídos no presente volume, nos "Dispersos". O organizador dos dois tomos assevera que só a inércia da crítica, presa sempre às pequenas circunstâncias do momento, que fazem a sua crónica desatenção, justificam que uma parcela tão vasta e significativa da poesia do autor tenha permanecido inédita tantos anos e que os dois primeiros livros não tenham obtido a merecida receção no seu tempo, caindo num injusto esquecimento.

"É minha convicção que esta poesia deveria figurar entre o que de melhor se escreveu na poesia portuguesa nesse período, em especial na década 1955-65" - sublinha Costa Marques no prólogo ao tomo ora editado. Sem necessitarmos de fazer nosso o juízo, já que não temos o conhecimento integral da época, das mais expressivas com as estreias de Herberto Helder e Manuel de Castro, ambos em 1958, subscrevemos a ideia de que estamos ante uma ação poética pessoal e vigorosa, de amplo alcance, que é de toda a justiça recuperar e trazer criticamente até ao presente.

Afonso Cautela, sendo um poeta que se desinteressou muito cedo da publicação dos seus versos, já que tinha apenas 28 anos quando deu a lume o seu derradeiro livro, nunca parece ter deixado de atribuir um alto significado ao facto de escrever versos, como se vê pela quantidade de

inéditos agora publicados e que fazem parte das caixas do seu espólio entregues à Torre do Tombo. Os poemas recuperados são cerca de 260, quase todos inéditos, e mostram alguém que se preocupou em conservar a sua criação poética, mesmo que a escrevesse só para si e fora de qualquer preocupação de reconhecimento e de edição.

A maioria destes poemas, cerca de 190, incide nos anos que vão de 1956 a 1965, ficando os restantes, na ordem das sete dezenas, para os anos que vão de 1953 a 1955 e de 1966 a 1991, esta última a mais magra, com escassas dezenas de poemas para o vasto arco de 25 anos. A década que vai de 1956 a 1965, como bem viu o editor, é decisiva, quer pelo número de inéditos, quer pelo seu interesse. Período crucial, nele se abandonam as formas incaracterísticas da adolescência, que marcam os poemas dos dois primeiros anos, e nele se forma a maturidade do poeta, o seu estilo único e inconfundível, posto que neste caso, tão singular pelas condições de privacidade que viu nascer grande parte da obra, esse estilo não exista para se mostrar.

Entendamo-nos. Há poetas que escrevem para publicar em livro. Têm de passar todos os anos o exame do público e da crítica. São poetas esforçados, que se obrigam a prestar provas do seu talento - o estilo existe aí para dar notícia de si. Há depois os poetas que escrevem e não publicam. Dentro desta categoria há duas classes: os que de momento não publicam mas aguardam a publicação a longo termo e os que de todo afastam a possibilidade de editar em livro. AC faz parte desta segunda categoria, a única que de verdade escreve para não publicar.

Um poeta com estas características só acidentalmente verá a sua obra publicada. Foi o que aconteceu